

**Homossexualidade e Homofobia em *O lugar sem limites*,
de José Donoso, e *Elvis e Madona*, de Luiz Biajoni**

Paula Queiroz Dutra¹

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo comparar as representações do homossexual e da travesti nos romances *O lugar sem limites*, do escritor chileno José Donoso, e *Elvis e Madona: uma novela lilás*, do escritor brasileiro Luiz Biajoni. Apesar da semelhança temática e das reflexões sobre homofobia, violência e preconceito que ambas possibilitam, há diferenças significativas nas representações aqui analisadas.

Palavras-chave: América Latina, Estudos de Gênero, Violência, Travestis.

ABSTRACT: This work aims to compare the representations of homosexuals and travesties in the novels *Hell has no limits*, by Chilean writer José Donoso, and *Elvis and Madona: a purple novella*, by Brazilian writer Luiz Biajoni. Apart from the thematic similarities and the thoughts on homophobia, violence and prejudice both works provide, there are significant differences between the representations analyzed.

Keywords: Latin America, Gender Studies, Violence, Travesties.

Introdução

Sabemos que as representações, sejam no cinema, na televisão ou na literatura, podem circular e produzir diferentes efeitos sociais, exercendo também uma pedagogia. Elas podem tanto reproduzir e disseminar estereótipos quanto criar novas imagens. Algumas representações ganham tanta visibilidade e força que passam a ser tidas como verdade. É importante ter em mente que quase sempre é a visão do grupo dominante (ou condizente com a norma) que é representada ou que representa o outro de acordo com seu ponto de vista. Nesse sentido, faz-se necessário observar como as representações do homossexual, e mais especificamente da travesti, são contempladas em diferentes locais e períodos.

Tendo como ponto de partida o conceito de Teresa de Lauretis de que o “gênero, como representação e auto-representação, é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas,

¹ Doutoranda em Literatura na Universidade de Brasília (UnB) e Mestre em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: qpaulad@gmail.com.

bem como das práticas da vida cotidiana” (LAURETIS, 1994, p. 208), dois romances foram selecionados para análise por apresentarem uma semelhança temática ao tratar de homossexualidade tendo como figura central uma personagem travesti.

Semelhanças e diferenças no que tange à representação de gênero, de sexualidade e de homofobia foram os pontos escolhidos para guiar nossa comparação de como o homossexual e as reações homofóbicas são retratados em *O lugar sem limites*, de José Donoso, e *Elvis e Madona: uma novela lilás*, de Luiz Biajoni.

1. O lugar sem limites

O lugar sem limites, do escritor chileno José Donoso, foi publicado em 1966, época do chamado “boom” literário latino-americano dos anos 1960 e 1970. O período, de intensa produção literária propiciada pelo clima político e revolucionário na América Latina, foi também um movimento de vanguarda que colocou em evidência autores, jovens e já consagrados, como Gabriel Garcia Marquez, Mario Vargas Llosa, Carlos Fuentes, Julio Cortázar, Alejo Carpentier, José Donoso, entre muitos outros. O romance *O lugar sem limites* foi adaptado para o cinema em 1978, pelo diretor Arturo Ripstein.

O enredo de *O lugar sem limites* conta a história de um pequeno vilarejo chamado El Olivo, que já teve seus dias de glória, mas que agora vive em decadência. O sistema patriarcal, que sempre predominou, é representado pelo patriarca local, Don Alejandro, político dono da maioria das terras da região e a quem todos os habitantes respeitavam (ou temiam). Os poucos habitantes de El Olivo vivem na esperança de que a nova linha do trem seja instalada próxima ao vilarejo, para reanimar a cidade, que mais parece um lugar fantasma. O prostíbulo de El Olivo é comandado pela Japonesa Grande, que com o tempo fica sócia de Manuela, uma velha travesti² que chegou à cidade para movimentar o funcionamento da casa de prostituição com suas apresentações de dança flamenca. Por conta de uma aposta com Don Alejandro, que promete dar a casa onde funciona o bordel para a Japonesa Grande

² Nesse artigo, Manuela será tratada como a personagem demonstra se sentir mais confortável na obra: com a flexão de gênero no feminino. Ainda que no romance a utilização da flexão de gênero oscile como será comentado mais adiante, essa utilização é feita com atribuições de sentido muito diferentes, tanto de forma positiva quanto negativa, por isso optei por manter em todo o texto a mesma referência.

se ela conseguir seduzir Manuela e ter com ela uma relação sexual, a Japonesa Grande e Manuela tornam-se sócias e donas do bordel, mas também terão uma filha, a Japonesita. Após a morte da Japonesa Grande, a Japonesita passa a comandar o bordel junto com Manuela e a conturbada relação pai e filha é evidenciada com a chegada de Pancho Vega, um caminhoneiro casado e machão que se apaixona por Manuela e tenta negar seus sentimentos perseguindo e agredindo o objeto de seu desejo com muita violência, resultando em um final trágico para a travesti.

O enredo é uma crítica ao patriarcado e tem forte cunho político, já que um dos principais personagens, Don Alejandro, representa a decadência do sistema patriarcal e também uma crítica ao sistema político vigente. O romance segue o movimento de vanguarda da época de sua publicação, situando o autor como um dos nomes à frente de seu tempo por tratar de questões importantes sobre sexualidade e identidade, antecipando as discussões de gênero contemporâneas.

2. Elvis e Madona: uma novela lilás

Elvis e Madona, de Luiz Biajoni, foi baseado no filme homônimo de Marcelo Laffitte lançado em 2010, diferenciando-se nesse sentido dos romances que normalmente servem de base para as adaptações cinematográficas³.

Elvis e Madona é uma novela contemporânea cujo tom é mais de entretenimento e bem menos político que *O lugar sem limites* e tem como personagens principais uma travesti, Madona, e uma lésbica, Elvis. Madona, nascido Adaílton, descobriu sua sexualidade ainda na infância e, devido ao preconceito predominante na cidade do interior onde vivia com a família, acaba por fugir de casa quando entra na adolescência.

A prostituição e a vida nas zonas marginalizadas se apresentam a ele como único caminho possível, e quando decide mudar para Copacabana, local onde é possível vivenciar sua sexualidade, Madona estabelece um relacionamento com um traficante do Rio de Janeiro, João Tripé. Para Madona, o relacionamento é afetivo, mas para o traficante é, além dos

³ Uma comparação entre as adaptações cinematográficas dos dois romances, apesar de bastante interessante pelas diferenças encontradas, até mesmo na ordem de produção, como já mencionamos, não fez parte do objetivo desse trabalho.

favores sexuais e domésticos que Madona lhe concede, uma fonte de renda e exploração, com situações marcadas por violência.

Elvis, nascida Elvira, é uma menina branca de classe média do interior que também sofre discriminação na cidade de Poços de Caldas, onde vive com a família, até que decide se mudar para o Rio de Janeiro.

Também é em Copacabana que Elvis se permite viver sua sexualidade e tentar realizar seu sonho de ser fotógrafa. Elvis e Madona se apaixonam e o relacionamento, inusitado aos olhos da sociedade em que vivem, é o ponto central do enredo, que entre outras coisas trata de corrupção, tráfico de drogas e o jogo de influências no Rio de Janeiro contemporâneo.

A história é narrada com uma linguagem irreverente, com palavras de baixo calão, que retratam de forma um tanto alegórica o submundo onde vivem as personagens.

É importante ressaltar que a narrativa, com claro objetivo de entretenimento, apresenta uma perspectiva interessante, já que o casal Elvis e Madona constitui uma família, tem um filho cujo sexo permanece indeterminado no final da história e representa, ainda que com ressalvas, uma possibilidade de final feliz bastante diferente do final trágico destinado à Manuela em *O lugar sem limites*.

3. Pedagogias da sexualidade

De acordo com Guacira Lopes Louro “os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados” (LOURO, 2007, p.14), mas vemos que nem sempre os desejos e as necessidades dos sujeitos estão em consonância com a aparência dos seus corpos.

Em nossa sociedade, são vários os elementos e as instituições que exercem a chamada pedagogia da sexualidade, que tenta disciplinar os corpos para que sigam a norma heterossexual compulsória.

A escola é, sem dúvida, uma delas, pois permite formas legitimadas de violência entre os próprios alunos, que tem um papel importante no processo de escolarização do corpo e na produção das identidades de gênero e sexual. Aprendemos, através das diversas redes de poder que constituem a sociedade, a classificar os sujeitos pela forma como eles se comportam e como se apresentam corporalmente.

São construídas fronteiras entre aqueles ou aquelas que estão de acordo com a norma, com a matriz de inteligibilidade de gênero, de acordo com Judith Butler (2013), e aqueles ou aquelas que desviam dessa norma, ficando às suas margens. Com isso em mente, podemos observar como é retratada a infância na família e na escola das personagens principais dos dois romances.

Em *Elvis e Madona*, a infância de Madona, que nasceu Adalton, foi marcada pelo preconceito e pela vigilância exercida pelos próprios irmãos na tentativa de não deixar que ninguém se desviasse da norma heterossexual padrão:

Filho do meio de uma família com duas irmãs mais novas e dois irmãos mais velhos. “Se pelo menos fosse o contrário”, lamentava-se. Tinha que ajudar a mãe, doceira, cuidando das meninas enquanto os irmãos caçoavam dele, brigavam, batiam nele, chamavam-no de me-ni-ni-nha. “Com dez anos, eu já era toda feminina” (BIAJONI, 2010, p. 19).

Os desejos e as necessidades de Madona não estavam de acordo com o que se esperava do seu corpo. Algo semelhante acontece com Elvis, ou Elvira, nascida em uma família de classe média branca no interior de Minas Gerais, que desde cedo enfrentava o conflito entre a matriz e o seu desejo:

Ela teve que fugir de Poços de Caldas. A família estava ficando envergonhada com o seu jeito, com seus trejeitos, com o que andavam falando dela nas esquinas. Ela era masculina, quase um homenzinho – apesar do corpo miúdo e dos olhos azuis. Era linda, mas era um homenzinho. Foi a avó quem reparou, no começo da adolescência, vaticinando: “Essa mexerica tá mais pra limão!” (BIAJONI, 2010, p. 32).

4. Segregação e deslocamento

O trecho anterior já apresenta a necessidade que Elvis sente de fugir, de se deslocar, comum na literatura homoerótica. A ideia de gueto⁴ é outro aspecto que aproxima as duas obras, pois as personagens são segregadas na sociedade em que vivem.

Em *O lugar sem limites*, Manuela passa por diversos *puteiros* até parar em El Olivo, que passa a ser um lugar que fornece algum tipo de “segurança” para ela e sua filha, a Japonesita, por ser um lugar pequeno, onde “todo mundo os conhecia e ninguém estranhava

⁴ Este artigo foi elaborado como avaliação final da disciplina Gênero e Literatura, na Universidade de Brasília, no primeiro semestre de 2014, sob a supervisão da Profª Drª Virginia Leal, a quem agradeço pelos valiosos comentários.

porque todo mundo estava acostumado. Nem as crianças perguntavam, porque já nasciam sabendo” (DONOSO, 2013, p. 57).

Já em *Elvis e Madona*, vemos experiência semelhante com a travesti, que também fica marginalizada em vários bordéis durante sua vida, até desistir da prostituição e ir para Copacabana, local que é espaço de liberdade de expressão de sua sexualidade e que representa também uma ideia de “segurança” para as personagens Elvis e Madona. Copacabana é o paraíso onde podem ser quem verdadeiramente são, longe da vigilância exercida por suas famílias.

Apesar de segregadas por sua condição, quase sempre restritas às zonas de prostituição em ambas as narrativas, tanto as travestis quanto a personagem lésbica Elvis sentem a necessidade de viajar, de se afastar de suas famílias para poderem vivenciar seu corpo de acordo com seu desejo sexual.

O deslocamento das personagens, seja para um prostíbulo, seja para uma cidade grande, reiteram uma característica comum às representações de homossexuais na literatura já evidenciada por Denilson Lopes (LOPES, 2002), quando analisa diversas obras da literatura brasileira que contemplam a temática homossexual.

Para Madona, quando a personagem toma consciência de sua homossexualidade e passa a vivenciá-la é que se evidencia essa necessidade de se deslocar:

Aí passou a chupar quem quisesse ser chupado. Em qualquer lugar: uma pracinha, uma obra abandonada, um banheiro. Qualquer lugar servia. Ele realmente pegou gosto, não queria mais nada da vida. Mas a vida não era tão doce – “nem tão salgadinha!” – quanto a porra do Pedrinho: era muito mais amarga e ácida. Adailton começou a apanhar também, passou a ser discriminado pelos colegas, pelos vizinhos, pelos irmãos; era um inferno em casa, era difícil em quase qualquer lugar que fosse. Quando percebeu que sua condição estava atrapalhando até mesmo a vida de sua família, fugiu (BIAJONI, 2010, p. 21-22).

No caso de Manuela, em *O lugar sem limites*, é o medo da repreensão familiar e do ambiente escolar que desencadeia o deslocamento, que se repetirá durante sua vida, também como uma forma de fugir das agressões e da violência:

de um estabelecimento para outro, sempre, desde que o expulsaram da escola quando o flagraram com outro menino e ele não teve coragem de voltar para casa porque o pai andava com um rebenque enorme com o qual chegava a tirar sangue dos cavalos quando os espancava, e então foi para a casa de uma senhora que lhe ensinou danças espanholas (DONOSO, 2013, p. 100).

Nos dois romances, a escola aparece como um lugar hostil em relação à sexualidade, onde a vigilância de gênero ocorre de maneira intensa.

Para aqueles que percebiam ter um desejo ou interesse distinto da norma heterossexual a ser construída, a vida no ambiente escolar poderia se tornar muito difícil, afinal a escola poderia ser um ambiente de conhecimento, mas era também onde se pretendia manter o desconhecimento e a ignorância em relação ao corpo.

Aos que desviavam da norma, restavam poucas alternativas como silenciar seus interesses e desejos ou dissimulá-los, ou então a segregação, que mesmo fora da escola ainda ocorre em nossa sociedade e também é representada nas obras analisadas.

5. O inferno e o céu

As epígrafes dos romances já dão pistas de uma diferença importante entre os dois enredos: enquanto em *O lugar sem limites* o pequeno vilarejo de El Olivo é uma representação do inferno ao qual os personagens estão presos e do qual não podem sair, em *Elvis e Madona*, apesar dos problemas sociais retratados, Copacabana é para os personagens um paraíso onde o amor é possível e a liberdade existe.

O lugar sem limites (1966)	Elvis e Madona (2010)
<p>Fausto: Primeiro irei interrogá-lo sobre o inferno. Diga-me, onde é o lugar que os homens chamam de inferno?</p> <p>Mefistófeles: Debaixo do firmamento.</p> <p>Fausto: Está bem, mas onde?</p> <p>Mefistófeles: Nas entranhas desses elementos, onde somos torturados e ficamos para sempre: o inferno não tem limites, não se localiza num só lugar; porque o inferno é onde estamos, e onde for o inferno, lá estaremos para sempre...</p> <p>Marlowe, <i>Doutor Fausto</i></p>	<p>Amor é destino e liberdade. (Octavio Paz)</p>

O bairro do Rio de Janeiro é palco de sonhos realizados e de laços de amizade que se constituem em importante apoio para Elvis e Madona. A travesti, que é jovem e está no seu auge físico, é a estrela do bairro que, apesar da violência e do tráfico de drogas, é bastante

apreciado pelos personagens como um local onde tudo pode acontecer, onde a felicidade é possível.

Já El Olivo é um lugar sem limites, onde todo tipo de abuso é cometido, seja na política, seja na sociedade, e cujo patriarca, Don Alejandro, é representado como o guardião desse território. Dono de cães ferozes que o acompanham por todos os lugares, Don Alejandro simboliza o guardião do inferno ao lado dos seus cães.

O declínio da cidade, que podemos associar ao declínio do patriarcado, é representado não apenas na degradação social e financeira dos moradores e do comércio local, como pelo declínio físico e concreto de suas estruturas, como vemos no trecho a seguir:

O estabelecimento estava afundando. Um dia perceberam que a terra da calçada já não estava no nível do piso do salão, mas acima, e fizeram uma contenção com uma tábua de quina mantida no lugar por duas cunhas. Mas não deu certo. Com os anos, sabe lá como, quase imperceptivelmente, a calçada continuou subindo de nível enquanto o piso do salão, talvez de tanto ser regado e pisoteado para as danças, continuou baixando (DONOSO, 2013, p.19).

A cidade, que afunda junto com a ideia de patriarcado que representa, é para os personagens um local que antecipa o fim trágico que os aguarda, mas que contraditoriamente passa certa segurança para Manuela e para a Japonesita, uma vez que não há estranhamento com os moradores sobre a sua história e sua sexualidade.

Podemos compreender essa ideia de falsa segurança como a ausência de uma opressão por meio do discurso, uma vez que a cada novo lugar que Manuela e a Japonesita chegassem seria necessário enfrentar novamente a violência simbólica contida nos discursos contra tudo que desvia da norma predominante.

Outro aspecto de diferenciação que reitera a ideia de céu e de inferno relacionados ao local onde as duas travestis vivem é a sua idade: enquanto Madona está no auge da juventude e do seu rigor físico, sendo retratada como detentora de grande beleza e sensualidade, a Manuela de *O lugar sem limites* é uma pessoa com mais de sessenta anos, cuja carreira se aproxima do fim, e que já sofre as limitações de seu próprio corpo. Essa associação do céu à beleza e da velhice ao inferno deve ser problematizada uma vez que a beleza também pode ser relacionada ao inferno, ou como possível causadora da “queda” para o inferno.

A degradação física de Manuela pode ser vista também como um espelho de sua vida sofrida e da falta de esperança que habita o vilarejo e permeia a narrativa. Já o esplendor e a

alegria de Madona demonstram a faceta mais positiva da representação contida em *Elvis e Madona*.

6. Homofobia e violência

Ainda não é possível refletir sobre questões de gênero e sexualidade sem considerar as diversas formas de violência a que aqueles ou aquelas que desviam da matriz heterossexual compulsória são submetidas.

Essa atitude de hostilidade, rejeição e até ódio aos gays e lésbicas é chamada homofobia/lesbofobia. Para Borillo, homofobia é “uma manifestação arbitrária que consiste em qualificar o outro como contrário, inferior ou anormal” (BORILLO, 2009, p. 18).

Essa rejeição irracional relega os homossexuais ao papel de marginais, seres excêntricos ou bizarros, quase sempre alvo de agressões que vão desde ofensas por meio do discurso, como as piadas que muito frequentemente provocam o riso na televisão, no cinema e na vida cotidiana e reiteram inúmeros estereótipos, à violência física que desrespeita os mais básicos direitos humanos.

Na narrativa de José Donoso, a travesti Manuela demonstra uma aceitação dessa violência de que é e sempre foi alvo como sendo algo do qual não se pode livrar por conta de sua condição, o que demonstra que a violência apresentada pelo dominador muitas vezes é aceita e internalizada pelo dominado como algo natural e inevitável:

Não me importo. Estou acostumada. Não sei por que eles sempre fazem isso ou alguma coisa parecida comigo quando eu danço, até parece que ficam com medo de mim, não sei por quê, sendo que eles sabem que a gente é bicha. Menos mal que hoje só me jogaram na água, outras vezes é muito pior, se você soubesse (DONOSO, 2013, p. 97).

Um dia desses vai acontecer alguma coisa com ele, sempre digo isso para mim mesma, mas ele sempre volta. Uns três ou quatro dias depois. Às vezes fica uma semana inteira andando por aí pelos puteiros de outros povoados onde o conhecem, de rainha, diz ele, e chega aqui de volta com um olho roxo ou duas costelas quebradas quando os homens o espancam por ser veado quando estão bêbados. Não tenho por que me preocupar. Ele tem sete vidas como os gatos (DONOSO, 2013, p. 156).

Para Borillo (BORILLO, 2009), a homossexualidade torna-se insuportável para alguns na medida em que reivindica publicamente sua equivalência à heterossexualidade. A

homofobia pode ser compreendida como o medo de que essa equivalência seja reconhecida e de que a fronteira e a hierarquia da ordem heterossexual existentes na sociedade desapareçam.

Borillo (BORILLO, 2009) afirma que a “vigilância do gênero” é uma característica das sociedades marcadas pela dominação masculina, pois a virilidade não é apenas a negação do feminino, mas a rejeição da homossexualidade, que é considerada a feminização de um corpo masculino.

Em *O lugar sem limites*, o caminhoneiro Pancho Vega, provável filho bastardo de Don Alejandro como muitos outros da região, retorna ao vilarejo para rever Manuela. Em uma conversa com alguns moradores de El Olivo, Pancho chega a confessar seu amor por Manuela, ainda que possa ser compreendido de uma forma irônica, e a vigilância do gênero é exercida por uma mulher que participa da conversa, a Srta. Lila, como vemos no diálogo a seguir:

Bom, todas as pessoas decentes têm pena da Japonesita, tão esquisita, coitadinha. A Srta. Lila, aliás, sempre procurava o olhar da Japonesita para cumprimentá-la com toda a cortesia sempre que a encontrava na rua. É por que não, não é mesmo?

- É, mas estou apaixonado por ela...

A Srta. Lila olhou para ele perturbada. – Mas por quem?

- Pela Manuela, ora...

Todos riram, até ela.

- Os homens são uns porcos, uns tarados. Deviam se envergonhar.

- É que ela é tão linda... (DONOSO, 2013, p. 36)

Quando Pancho Vega finalmente chega ao prostíbulo e encontra Manuela dançando com seu vestido de espanhola, ele tenta reprimir seu desejo homossexual pela travesti, pois a vigilância do gênero é exercida pelo cunhado, Octavio. O desejo reprimido de Pancho Vega é extravasado em grande violência contra o objeto de seu desejo, Manuela:

Pancho, de repente, ficou calado olhando para Manuela. Para aquilo que dança ali no centro, estragado, enlouquecido, com a respiração irregular, cheio de crateras, vácuos, sombras alquebradas, aquilo que vai morrer apesar das exclamações que profere, aquela coisa irremediavelmente asquerosa e que incrivelmente é festa, aquilo que está dançando para ele, ele sabe que deseja tocá-lo e acariciá-lo, deseja que aquelas contorsões não se deem só naquele centro, mas de encontro a sua pele, e Pancho se deixa olhar e acariciar de longe... a bicha velha que dança para ele e se deixa dançar e que já não provoca o riso porque é como se ele também estivesse desejando. Octavio que não saiba. Que não perceba. Que ninguém perceba (DONOSO, 2013, p. 143-144).

A dança de Manuela o golpeia e ele quisera agarrá-la assim, assim, até quebrá-la, aquele corpo que começa a exalar seu odor agitando-se em seus braços e eu com Manuela que se agita, apertando para que não se mexa tanto, para que fique

sossegada, apertando-a, até que olhe para mim com aqueles olhos de redoma aterrorizados e enfiando minhas mãos em suas vísceras viscosas e quentes para brincar com elas, deixá-la ali estendida, inofensiva, morta: uma coisa (DONOSO, 2013, p. 144).

Ao compararmos os dois romances fica evidente que a violência homofóbica é muito mais forte em *O lugar sem limites*, pela dimensão física das agressões que a travesti sofre. Borillo afirma que “as reações fóbicas geralmente são mais violentas quando provêm de pessoas que lutam contra seus próprios desejos homossexuais” (BORILLO, 2009, p. 39), exatamente o que podemos observar no trecho destacado acima e que demonstra os sentimentos conflituosos de Pancho por Manuela.

Contudo, podemos notar através da aparente maior aceitação retratada em *Elvis e Madona* que a violência simbólica ainda persiste disfarçada de “tolerância”. A infância de Madona foi marcada por violências na escola, na família (pelos próprios irmãos que exerciam a vigilância do gênero), e também durante sua vida adulta, quando apanhava e era explorada física e financeiramente por seu “parceiro”.

A violência simbólica cotidiana é representada em *Elvis e Madona* nas piadas que Elvis escuta na sua infância, da própria família e durante seu trabalho como *motogirl*, ou quando o casal vai se consultar com o médico para acompanhar a gravidez de Elvis e o médico age como se a heterossexualidade fosse a única alternativa possível, entre vários outros exemplos que podem ser observados.

É importante considerar que, apesar do tom mais irreverente da narrativa, a primeira experiência sexual de Madona foi um abuso. As marcas dessas agressões, sejam elas verbais ou físicas, são traumas que ficam marcados na memória e no corpo, pois como afirma Borillo “a timidez, a insegurança, a vergonha, são atitudes corporais resultantes da hostilidade do mundo exterior” (BORILLO, 2009, p. 21).

Madona sente vergonha sempre que é roubada ou quando apanha de João Tripé, por exemplo, algo que podemos observar também na Manuela de *O lugar sem limites*.

Como gostava de ler novelas de banca de jornal, achou uma moeda de troca: batia uma punheta para o seu Sérgio, o dono da banca, atrás do balcãozinho, e ele sempre deixava levar uma Sabrina, uma Bianca – contanto que devolvesse depois.” [...]“O seu Sérgio era casado, tinha filhos, quase um velhote, mas se ele dissesse que ia largar a família e ficar com Adailton, Adailton ia (BIAJONI, 2010, p. 20).

Se as representações de reações homofóbicas são aparentemente mais intensas e violentas em relação aos gays, não podemos deixar de observar a personagem lésbica Elvis, pois o que poderia ser considerado uma ausência de rejeições ou preconceito demonstra na verdade uma indiferença dupla: por ela ser mulher e por sua orientação sexual. Além disso, por pertencer à classe média alta, a personagem Elvis desfruta de maior proteção social, financeira e econômica.

7. Palavra: opressão e ambiguidade

Em *O lugar sem limites*, a relação conflituosa entre Manuela e sua filha, a Japonesita, se dá basicamente por meio do discurso. Já observamos em vários exemplos que a violência simbólica das palavras tem, igualmente, poder de provocar danos àqueles ou àquelas a que se destinam.

O que prende Manuela e sua filha ao vilarejo em decadência é a segurança que um lugar onde não é necessário se nomear, se definir, ou se explicar provoca, já que não podemos compreender como seguro um lugar onde estamos sujeitos constantemente a violência física.

Ao mesmo tempo, a identificação com a matriz que a nomeação da paternidade evoca causa grande agressão a Manuela, visto que a filha espera dela algo a que ela mesma não é capaz de corresponder. O fato de não se encaixar nos papéis de pai nem de mãe ao ser interpelada pela filha é para Manuela uma violência que gera sofrimento e conflitos:

Quando a Japonesita começava a falar desse jeito, Manuela tinha vontade de uivar, porque era como se sua filha o estivesse afogando com palavras, cercando-o lentamente com sua voz uniforme, com aquela cantilena. Maldito povoado! Maldita menininha! (DONOSO, 2013, p. 70)

Manuela acabou de ajeitar o cabelo da Japonesita no formato de uma colmeia. Mulher. Era mulher. Ela ia ficar com Pancho. Ele era homem. E velho. Um veadinho pobre e velho. Uma bicha que adorava festas e vinho e roupas e homens. Era fácil esquecer essas coisas aqui, protegido no povoado – é, ela tem razão, melhor ficar por aqui. Mas de repente a Japonesita lhe dizia aquela palavra e sua própria imagem ficava borrada como se uma gota de água tivesse caído em cima dela, dele, eu mesma não sei, e então se perdia de vista, ele não sabe nem vê Manuela e não ficava nada, aquela dor, aquela incapacidade, nada mais, aquele grande borrão de água em que naufraga (DONOSO, 2013, p. 59).

Nesse sentido, a ambiguidade aparece em alguns momentos quando Manuela ou a Japonesita não sabem quais palavras usar: se papai ou mamãe, se ele ou ela, se homem ou

mulher. A ambiguidade aqui reflete o conflito interno das personagens pela ausência de identificação com a norma. Reflete também como a linguagem pode ser usada como forma de violência, pois a Japonesita usava a palavra papai ou mamãe de acordo com a sua vontade de atingir ou não Manuela:

- Aonde você vai, papai?
- Está falando com quem?
- Não se faça de bobo.
- Quem é você para me controlar?
- Sua filha.

Manuela viu que a Japonesita falou com maldade, para estragar tudo e para refrescar a memória dos outros. Mas olhou para Pancho e, juntos, soltaram gargalhadas que quase apagaram as lamparinas.

-Claro, sou sua mãe.

- Não, meu pai (DONOSO, 2013, p. 146).

Já em *Elvis e Madona*, a dificuldade de nomeação aparece também com a impossibilidade de se reconhecer nos papéis esperados pela sociedade, como vemos no início do romance, quando Madona conta sua trajetória desde que saiu de casa e nos apresenta a Índia Queen, a travesti que a ensinou a se travestir e que nega a identidade recebida no nascimento para se nomear de acordo com os desejos e interesses de seu corpo.

Até que foi morar com uma traveca forte, de braços musculosos e pele vermelha, boa de porrada, a Índia Queen. Nunca soube o nome real dela, diziam que tinha tacado fogo na cédula de identidade. Era Índia Queen (BIAJONI, 2010, p. 22).

Em *Elvis e Madona* também encontramos momentos em que a dificuldade de se nomear ou se identificar com os papéis de gênero predominantes é retratada com ambiguidade, mas de uma forma mais positiva no sentido de aceitá-la como algo natural e também de criar uma possibilidade de representação diferente a partir dela.

Quando Elvis e Madona se encontram pela primeira vez no apartamento de Madona, após ela ter sido roubada e agredida por João Tripé, as duas conversam e a ambiguidade aparece em um comentário do narrador, quando as personagens se despedem: “Beijaram-se no rosto como grandes amigos. Amigas. Vai saber?” (BIAJONI, 2010, p. 33).

Já no epílogo de *Elvis e Madona*, a ambiguidade em relação ao sexo do bebê que os dois tem juntos aparece como uma nova possibilidade, como aceitação de que o gênero é

construído socialmente e não designado no nascimento. Surge então a possibilidade de uma nova imagem a partir desse final ambíguo:

Escolheram Angel. Madona falava Ângel. Elvis falava Angel, puxando seu sotaque mineiro. [...] Um ano depois que o bebê nasceu, Elvis conseguiu a sonhada vaga no JB. [...] Com cinco anos, Angel disse que queria fazer caratê. Elvis tinha lhe apresentado um filme de Bruce Lee. “Você ainda vai estragar essa criança!”, reclamou Madona. Elvis deu uma de pai, que não liga a mínima para as reclamações da mãe (BIAJONI, 2010, p. 203).

Conclusão

São várias as semelhanças temáticas entre os dois romances, apesar de possuírem características bem distintas, principalmente devido ao momento histórico em que foram produzidos.

Com base em nossa análise, o que vemos é que muito do estigma da travesti, representada de forma alegórica como algo risível e abjeto, ainda persiste no romance contemporâneo, e continua sendo explorado na televisão e no cinema com este enfoque.

A homofobia e a violência presentes nas representações ainda retratam uma realidade muito distante da aceitação da diferença sexual que se deseja alcançar. Mas talvez, mais importante que as semelhanças observadas, o mais significativo entre os dois romances seja uma diferença: o surgimento de características mais positivas nessas representações.

A mudança de um final trágico, como vemos em *O lugar sem limites*, para um final que, apesar de improvável e de poder simbolizar de certa forma uma “correção” da identidade de gênero das personagens, retrata uma possibilidade de realização e felicidade que só recentemente tem surgido na literatura homoerótica.

O final de *Elvis e Madona*, com o nascimento de uma criança e a constituição de uma família, cria uma nova imagem de família e identidade sexual na literatura, ainda que com ressalvas, pois se não partirmos de uma visão de que o gênero é uma construção social poderíamos cair no erro de simplificar a relação de Elvis e Madona como uma relação heterossexual entre um homem e uma mulher, já que seus corpos poderiam ser compreendidos assim.

Contudo, com a ambiguidade em relação ao sexo do bebê, Angel, ficamos com uma imagem nova e positiva, que reitera a representação de que o gênero é construído socialmente e vai muito além do corpo em que se nasce.

Referências

- BIAJONI, Luiz. *Elvis e Madona: uma novela lilás*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010.
- BORILLO, Daniel. “A homofobia”. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora. (orgs.) *Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: LetrasLivres; EdUnB, 2009. p.15-46.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- DONOSO, José. *O lugar sem limites*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- LAURETIS, Teresa de. “A tecnologia de gênero”. Trad. De Susana Borneo Funck. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.) *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.206-242.
- LOPES, Denilson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- LOURO, Guacira Lopes. “Pedagogias da sexualidade”. In: _____. (org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 9-34.